

O TERMINAL DE INTEGRAÇÃO: A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO VIVENCIADO

Aline de Andrade Barbosa (1); Ana Luísa Macedo Araújo (2); Vitória Gabriela Oliveira Bezerra (3); Prof. Me Mariana Porto Viana (4);

Centro Universitário – UNIFACISA; E-mail: <http://www.cesed.br/portal/>

Resumo: O Terminal de Integração da cidade de Campina Grande – PB é um importante equipamento urbano da mesma, que atende entre aproximadamente 95.000 a 100.000 usuários por dia, e possui expectativa de demanda crescente. Deste modo, o presente artigo expõe uma análise sobre as condições de espera que o mesmo oferece, em termos de acessibilidade e de como o comportamento dos usuários interfere no espaço vivenciado. Assim, identificou-se que as estratégias utilizadas para atender um público com necessidades especiais ou mobilidade reduzida não são satisfatórias e não atendem as normas NBR 9050/2015 e 16537/2016, bem como a falta de educação dos usuários propicia comportamentos que interferem negativamente na vivência do espaço. Portanto as principais problemáticas encontradas referentes aos fatores já citados a cima são: sinalização, piso tátil, balcões de atendimento, rampa, e ausência de educação sobre como utilizar o terminal.

Palavras-chave: Acessibilidade, Educação, Terminal de Integração, Avaliação de Espera.

INTRODUÇÃO

De acordo com Moraes (2008) equipamentos urbanos são componentes importantes na infraestrutura urbana das cidades e dos bairros, visto que são elementos determinantes para o bem-estar da sociedade, bem como, para o desenvolvimento econômico dos mesmos, devido a potencialidade de ordenação territorial e da estrutura dos aglomerados humanos.

Por conseguinte, muitos são os fatores que devem ser considerados no desenvolvimento do projeto destes, como: implantação, mobiliário, iluminação, infraestrutura, cumprimento de normativas, entendimento das características do entorno, dentre outros; uma vez que atendem um público diversificado e que possui necessidades específicas.

Neste sentido, o presente artigo expõe uma análise sobre as condições de espera que o Terminal de Integração da cidade de Campina Grande – PB oferece aos seus usuários, em termos de acessibilidade e de como a educação interfere na experiência destes no espaço vivenciado, sendo um fragmento dos resultados obtidos ao final de uma pesquisa realizada entre o período do ano 2017 e início de 2018 que analisa as condições de infraestrutura que o terminal de integração da cidade dispõe.

O terminal é um dos equipamentos urbanos mais importantes da cidade, uma vez que foi desenvolvido com o intuito de aprimorar a logística do transporte público da mesma.

Atualmente atende entre aproximadamente 95.000 a 100.000 transeuntes por dia, durante o mês de junho esse valor é ultrapassado em decorrência da maior manifestação cultural da cidade, a festa de São João, de acordo com os coordenadores do mesmo.

Justifica-se pela necessidade de equipamentos que garantam acesso satisfatório dos serviços prestados à população, assegurando o direito de ir e vir destes, consequentemente proporcionando maior qualidade de vida, tendo em vista, a importância deste como principal ponto de interligação entre o sistema de transporte público.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Esta é uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, uma vez que visa diagnosticar a situação atual das instalações do Terminal de Integração da cidade, para direcionar e auxiliar a proposição futura de diretrizes de intervenção quanto à acessibilidade.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa foram necessárias várias visitas a área de estudo, para levantamento de dados e medidas, a fim de desenvolver os desenhos técnicos necessários para compreensão e análise do espaço. Posteriormente, foram aplicados questionários para melhor entendimento da relação entre os usuários e o espaço vivenciado, totalizando 214 entrevistas, com o intuito de entender as necessidades dos usuários do local. Em seguida, desenvolveram-se gráficos com os dados obtidos nos questionários, além do levantamento fotográfico comportamental dos usuários em questão.

Por fim, realizou-se a análise dos materiais produzidos e recolhidos, avaliando-os a partir de consultas às normas da ABNT NBR 9050/2015 e NBR 16537/2016, para identificar as possíveis problemáticas do espaço em termos de acessibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante análise dos dados adquiridos a partir das visitas ao local, aplicação de questionários e observação comportamental dos usuários no espaço, identificou-se que o terminal de integração da cidade de Campina Grande-PB não atende as necessidades de seus usuários no que diz respeito a acessibilidade. As estratégias utilizadas para atender a demanda do público com necessidades especiais ou mobilidade reduzida, não são inclusivas, apresentam falhas e não atendem satisfatoriamente as normas 9050/2015 e 16537/2016.

Figura 01: Zoneamento do terminal de integração.



Fonte: Dos autores, 2018.

A primeira problemática encontrada diz respeito a ausência da sinalização que indica a entrada/saída das pessoas que não podem utilizar os acessos que possuem catracas. O terminal de integração possui apenas um acesso destinado a estes usuários, que permanece fechado e é controlado pelo funcionário que encontra-se no local, o que agrava o problema, tendo em vista que este camufla-se com o gradil que circunda o terminal de integração como mostra as figuras abaixo.

Figura 02: Acesso sem sinalização fechado.



Fonte: Dos autores, 2018.

Figura 03: Acesso sem sinalização aberto.



Fonte: Dos autores, 2018.

Quanto a utilização de piso tátil, o terminal dispõe do mesmo nas duas plataformas que dão acesso aos ônibus, na faixa elevada de travessia do pedestre entre plataformas e em outros lugares indicando o acesso aos sanitários e a alguns serviços, no entanto, por ausência de manutenção alguns destes encontram-se deteriorados, ou foram completamente removidos; outro problema é a ausência de contraste de luminância entre o piso tátil e o piso do entorno em alguns locais do terminal de integração, como recomenda a norma 16537/2016.

Figura 04: Piso tátil deteriorado.



Fonte: Dos autores, 2018.

Figura 05: Ausência de contraste de luminância.



Fonte: Dos autores, 2018.

Ainda sobre este, a ausência de compatibilização entre o que já está construído com os novos usos adotados para determinadas áreas já existentes ou não, propiciam diversos infortúnios, dentre eles o direcionamento do piso tátil para obstáculos, como expõem as figuras a seguir.

Figura 06: Piso tátil para rampa PNE antiga.



Fonte: Dos autores, 2018.

Figura 07: Piso tátil para porta fixa.



Fonte: Dos autores, 2018.

A única rampa interna para PNE existente no terminal de integração não está adequada a norma, apenas por não possuir piso tátil de alerta em sua base, nem em seu topo, indicando a mudança de nível entre um piso e outro, como recomenda a NBR 9050/2015.

Figura 08: Rampa PNE sem piso tátil de alerta.



Fonte: Dos autores, 2018.

Outro problema encontrado, diz respeito ao impedimento do acesso de pessoas com necessidades especiais ou com mobilidade reduzida aos serviços oferecidos pela única lanchonete existente no terminal, a bancada da mesma não possui rebaixo, e seu mobiliário que é fixo, impede o contato imediato com balcão de atendimento, como mostra a seguinte figura.

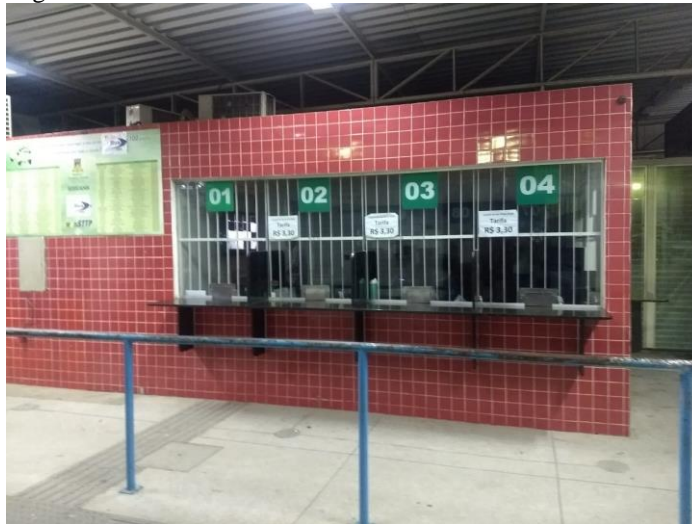
Figura 09: Lanchonete não inclusiva.



Fonte: Dos autores, 2018.

Os guichês de atendimento para recarga e confecção do passe de ônibus também não se adequam ao que as normas aqui já citadas recomendam, não são inclusivos e não possuem piso tátil de direcionamento e de alerta. O guichê de atendimento para confecção da carteirinha de estudante, bem como, dos achados e perdidos não possuem altura adequada ou rebaixo no balcão de atendimento e piso tátil de direcionamento e de alerta.

Figura 10: Guichês não acessíveis.



Fonte: Dos autores, 2018.

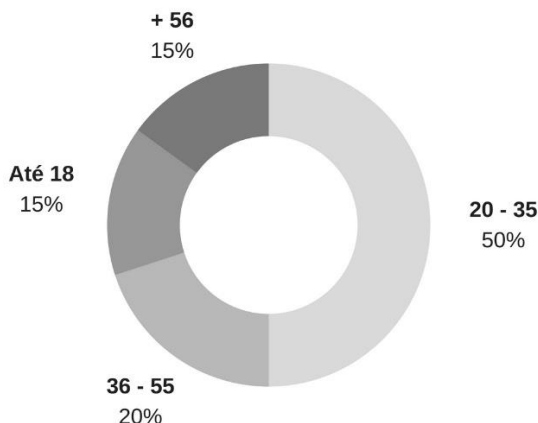
Quanto os resultados obtidos mediante a aplicação dos questionários, estes apontam que o público que utiliza dos serviços oferecidos pelo terminal de integração é majoritariamente feminino, e possuem idade entre 20 a 35 anos, como mostram os gráficos abaixo.

Gráfico 01: Sexo dos usuários.



Fonte: Dos autores, 2018.

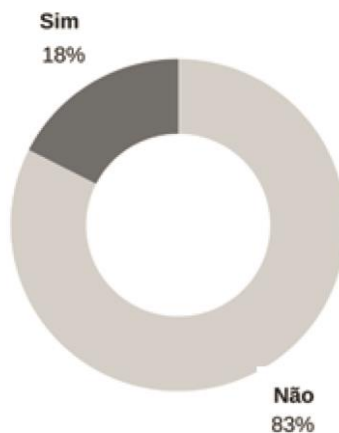
Gráfico 02: Idade dos usuários.



Fonte: Dos autores, 2018.

Quanto a percepção dos usuários sobre o tema, identificou-se que 82,5% dos usuários não consideram o terminal de integração da cidade acessível, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 01: Considera o Terminal de Integração Acessível?



Fonte: Dos autores, 2018.

Quando questionados sobre o porquê da resposta para a pergunta respondida no gráfico acima, estas variavam entre “O problema é que as pessoas não respeitam o direito do outro” ou “por que as pessoas impedem a passagem de quem necessita, ficam em cima do piso especial, ou ocupando a rampa enquanto conversam” ou seja, identificou –se que o problema possui raízes bem mais complexas do que o esperado, que perpassam as condições que o espaço físico oferece, envolvendo também uma questão de educação, e o saber utilizar os espaços públicos, ou destinados para o público.

Após esta constatação observou-se também o comportamento dos usuários no espaço, detectando que o problema também atinge os prestadores de serviços do equipamento. A figura a seguir exemplifica um problema recorrente e que já ocasionou acidentes, que é a distância entre onde os ônibus param e a plataforma de acesso.

Figura 11: Distância entre serviço prestado e acesso ao mesmo.



Fonte: Dos autores, 2018.

Quanto ao comportamento das pessoas, estes variam entre esperar o transporte nas áreas destinadas a passagem rápida, ocupar áreas de uso exclusivo para PNE ou pessoas com mobilidade reduzida, não aguardar a saída ou entrada dos usuários do transporte de forma adequada, propiciando tumultos e o risco de acidentes.

Figura 12: Tumulto para acesso do transporte.



Fonte: Dos autores, 2018.

CONCLUSÕES

No Brasil muito se fala sobre a precariedade ou ausência de espaços públicos ou destinados para o público de qualidade, que podem ser ocasionadas por verbas limitadas, ausência de manutenção ou erros de projeto, que por vezes são desenvolvidos com base em modelos de outros países, mas não são adequados para a realidade da cidade onde está sendo inserido, desconsiderando as preexistências, características do entorno, cultura etc; além de não contemplarem ou atenderem de forma satisfatória as normas vigentes. No entanto, outro fator que também contribui para o mau funcionamento desses espaços é a forma como os usuários o utilizam.

A educação é um elemento que pode influir positivamente ou negativamente para o bom funcionamento de determinados espaços, o caso do Terminal de Integração da cidade de Campina Grande – PB confirma este pensamento. Apesar do espaço físico do mesmo não atender satisfatoriamente as necessidades dos usuários com necessidades especiais ou com mobilidade reduzida em diferentes aspectos como aponta a pesquisa, os próprios usuários relatam que o principal problema de acessibilidade do terminal é o comportamento das pessoas no espaço, que o utilizam de forma indevida e agravam o problema físico já existente, propiciando a diminuição da eficácia de um espaço que já apresenta falhas.

Por fim, acredita-se que para equipamentos urbanos de qualidade começarem a virar realidade no cotidiano dos brasileiros, precisa-se de mais que bons projetos, são necessárias medidas que instruem a população de como utilizar os espaços públicos como um todo, que mostrem como a educação pode melhorar a experiência dos usuários no espaço, consequentemente aumentando a qualidade de vida destes.

Este artigo é resultado de um estudo do equipamento em questão para realização de um projeto que proporcione a amenização das problemáticas encontradas, integrando o espaço físico ao bom uso do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 16537**: Acessibilidade — Sinalização tátil no piso — Diretrizes para elaboração de projetos e instalação. Rio de Janeiro: S/i, 2016.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: S/i, 2015.

MORAES, F. A.; GOUDARD, B. e OLIVEIRA, R. (2008). Reflexões sobre a cidade, seus equipamentos urbanos e a influência destes na qualidade de vida da população. Revista Internacional Interdisciplinar INTHER thesis, v. 5, n. 2. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC.